

As construções modalizadoras epistêmico-asseverativas com *real* e *real oficial* sob uma perspectiva construcional

Epistemic-Asseverative Modalizing Constructions with *real* and *real oficial* from a Constructional Perspective

Leila da Silva Barbosa Monteiro¹
Patrícia Fabiane Amaral da Cunha Lacerda²
Lauriê Ferreira Martins Dall'Orto³

Resumo: Este trabalho tem como objetivo fundamental tratar dos padrões microconstrucionais constituídos por *real* e *real oficial* em contexto de modalização epistêmico-asseverativa, buscando estabelecer em que medida as construções identificadas se organizam, hierarquicamente, em uma rede construcional. A fim de cumprir os objetivos propostos, baseamo-nos nos pressupostos basilares da Linguística Funcional Centrada no Uso (Bybee, 2010; Martelotta, 2011; Furtado da Cunha *et al.*, 2013; Traugott; Trousdale, 2013; Rosário; Oliveira, 2016; Bispo; Silva, 2016), abordagem teórica que concebe a língua como um inventário de construções organizadas em rede. Nesse contexto, realizamos uma análise sincrônica dos dados a partir da constituição de um *corpus* formado por vídeos do YouTube, bem como adotamos o equacionamento entre a análise qualitativa e o cálculo da frequência de uso das ocorrências (Cunha Lacerda, 2016). Além disso, para a análise qualitativa dos dados, utilizamos como recurso o *software* Praat, já que assumimos que o traço prosódico de *break* colabora com a identificação do escopo da modalização presente nas construções identificadas. Os resultados indicam que *real* e *real oficial* cumprem novos propósitos comunicativos que diferem do uso de *real* como adjetivo, constituindo novos pareamentos forma-função organizados em rede na língua. Além disso, verificamos que construções com *real oficial* mostram-se mais intersubjetivas se comparadas às de *real*, revelando uma maior preocupação com o interlocutor no processo de interação.

Palavras-chave: Abordagem construcional. Linguística Funcional Centrada no Uso. Construcionalização gramatical. Modalização epistêmico-asseverativa. Construções com *real* e *real oficial*.

Abstract: This study aims to examine the microconstructional patterns formed by *real* and *real oficial* in the context of epistemic-asseverative modalization, seeking to determine the extent to which the identified constructions are hierarchically organized within a constructional network. To achieve this objective, we draw on the core principles of Usage-Based Functional Linguistics (Bybee, 2010; Martelotta, 2011; Furtado da Cunha *et al.*, 2013; Traugott; Trousdale, 2013; Rosário; Oliveira, 2016; Bispo; Silva, 2016), a theoretical approach that views language as an inventory of constructions organized in networks. Within this framework, we conduct a synchronic analysis of data collected from a corpus composed of YouTube videos,

¹ Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), Faculdade de Letras, Programa de Pós-Graduação em Linguística da UFJF, Juiz de Fora, Minas Gerais, Brasil. Endereço eletrônico: leilabarbosah@gmail.com.

² Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), Faculdade de Letras, Programa de Pós-Graduação em Linguística da UFJF, Juiz de Fora, Minas Gerais, Brasil. Endereço eletrônico: patricia.cunha@ufjf.br.

³ Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), Colégio de Aplicação João XXIII da UFJF, Departamento de Letras e Artes, Programa de Pós-Graduação em Linguística da UFJF, Juiz de Fora, Minas Gerais, Brasil. Endereço eletrônico: martins.laurie@ufjf.br.

combining qualitative analysis with frequency data (Cunha Lacerda, 2016). Additionally, for the qualitative analysis, we employ the software *Praat*, as we assume that the prosodic feature of break contributes to identifying the scope of modalization present in the constructions under analysis. The results indicate that *real* and *real oficial* serve new communicative purposes that differ from the traditional adjectival use of *real*, forming new form-function pairings organized within the language's constructional network. Furthermore, we found that constructions with *real oficial* exhibit greater intersubjectivity compared to those with *real*, reflecting a heightened concern with the interlocutor in the interactional process.

Keywords: Constructional approach. Usage-Based Functional Linguistics. Grammatical constructionalization. Epistemic-asseverative modalization. Constructions with *real* and *real oficial*.

Introdução

Este trabalho⁴, apoiando-se nos pressupostos teóricos da Linguística Funcional Centrada no Uso (Bybee, 2010; Martelotta, 2011; Furtado da Cunha *et al.*, 2013; Traugott; Trousdale, 2013; Rosário; Oliveira, 2016; Bispo; Silva, 2016), tem como objetivo mais geral tratar dos padrões microconstrucionais constituídos por *real* e *real oficial* em contexto de modalização epistêmico-asseverativa, buscando estabelecer em que medida as construções identificadas se organizam, de modo hierárquico, em uma rede construcional.

Nesse sentido, assumimos que as construções modalizadoras analisadas exprimem o posicionamento e a crença do locutor, indexando as noções de realidade, veracidade e legitimidade aos sintagmas nominais, verbais, adjetivais e às sentenças tomados como escopo. Vejamos, a seguir, algumas ocorrências representativas desses padrões:

(1) FP: Isso é uma verdade! Cai um mito! Eu já tomei cerveja quente na casa do Zeca e não foi uma vez, tá?! Porque eu acho que é tanta cerveja que se bebe que não dá tempo de gelar.

FS: Hummmta na presença de Zeca.

FP: A mentira REAL OFICIAL daqui

FS: É o Kumon!

FP: É o Kumon, porque eu sou de humanas

FS: Ai, eu tinha que ter pensado nisso

FP: Porque eu nunca fui bem nada, nada de exatas, nada que você pode imaginar.

(*Corpus* YouTube, 2018)⁵

⁴ O presente artigo consiste em um recorte da dissertação de Mestrado de Leila da Silva Barbosa Monteiro, defendida na Universidade Federal de Juiz de Fora, em 2020, sob orientação e coorientação das Professoras Doutoras Patrícia Fabiane Amaral da Cunha Lacerda e Lauriê Ferreira Martins Dall'Orto, respectivamente, no âmbito do Programa de Pós-Graduação em Linguística da UFJF.

⁵ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=6Vt12YHik8s&t=1s>. Acesso em: 8 jun. 2019.

(2) F: Eu tô impressionada como você conseguiu trocar de roupa, até agora.

A: A gente rasgou todas as roupas, nem existem mais.

F: Rasgou REAL, assim, puxando?

B: E no escuro ainda, naquele calor da emoção.

A: No escuro, no calor do cacete, é muito louco! (*Corpus YouTube*, 2019)⁶

(3) Hoje deu mais cara de casa ainda, sabe?! Tá mais cara de casa. Já tinha cara, mas agora tá mais cara de casa [risos]. Então, você vê mais organizadinho, a parte lá do closet, a parte do nosso quarto, a cozinha, a sala, tudo, tudo, tudo, os quadros foram pendurados, vocês vão ver tudo no tour, mas hoje foi assim um time pesada, da pesada REAL: os pais do Pedro, minha mãe, a galera da Gouvernance, então assim, Top! (*Corpus YouTube*, 2019)⁷

(4) R: Como que é engraçado, né, tipo isso, igual você tava falando de tempo, na minha cabeça não penso, tipo, igual, tipo com essa profundidade, sabe, porque na minha vivência, ainda bem que foi tudo muito mais tranquilo, sabe?!

M: Como foi seus pais com você?

R: Ah! Eu tive muita sorte, amiga! Muita sorte, tipo assim, muito! E eu agradeço, agradeço todos os dias, REAL, porque eu sei que, infelizmente, essa não é a realidade, sabe?! No começo sempre tem aquele atrito né, tipo: “Meu deus! Saiu da boca dele, realmente é”, sabe?! Mas foi passando tempo e eu sinto que minha família tem a cabeça muito aberta. (*Corpus YouTube*, 2019)⁸

Na ocorrência (1), *real* e *oficial* atuam juntos, com função adjetival, tendo como escopo o sintagma nominal “a mentira”; já em (2), *real* desempenha função adverbial, modalizando a ação expressa por “rasgou”; em (3), o sintagma adjetival “da pesada” é o escopo da modalização realizada por *real*; por fim, em (4), o conteúdo veiculado por toda a proposição, ou seja, “E eu agradeço, agradeço todos os dias”, é modalizado por *real*. Desse modo, pretendemos demonstrar, neste trabalho, de que maneira as construções analisadas revelam um posicionamento (inter)subjetivo do falante com atitude modalizadora epistêmico-asseverativa.

A escolha pelas construções com *real* e *real oficial* como objetos de investigação deve-se às seguintes razões: (i) são elementos produtivos na oralidade na sincronia atual; (ii) não existem trabalhos já realizados acerca, especificamente, de tais construções; (iii) embora haja

⁶ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=6IC0gPE6QVo>. Acesso em: 10 out. 2019.

⁷ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=T-gKHPEpPUY&t=1s>. Acesso em: 28 jan. 2019.

⁸ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=5HJPje5ULPI>. Acesso em: 19 out. 2019.

outros trabalhos acerca da modalização epistêmico-asseverativa sob diferentes perspectivas, nenhum deles se propôs a tratar desses elementos sob a ótica da Linguística Funcional Centrada no Uso; além disso, (iv) nenhum trabalho, até o momento, propôs uma rede que relacionasse as diferentes construções aqui analisadas em níveis de hierarquia e esquematicidade.

Nesse contexto, as seguintes hipóteses norteiam este trabalho: (a) *real* e *real oficial* cumprem novos propósitos comunicativos na língua que diferem de seu uso convencional como adjetivos e (b) as construções com *real* e *real oficial*, no *corpus* analisado, constituem pareamentos forma-função na língua.

A fim de cumprir os objetivos propostos, na segunda seção, discutimos os pressupostos fundamentais da Linguística Funcional Centrada no Uso, perspectiva que considera o uso real da língua, coadunando princípios do funcionalismo clássico norte-americano e princípios de natureza cognitivista – em especial os que norteiam a Gramática de Construções. Já na terceira seção, abordamos dois conceitos fundamentais que sustentam a análise empreendida na seção cinco, a saber: modalização e focalização. Por sua vez, na quarta seção, apresentamos os procedimentos metodológicos assumidos no trabalho. Por fim, na quinta seção, procedemos à análise dos dados, descrevendo os pareamentos forma-função que compõem o esquema, os subesquemas e as microconstruções com *real* e *real oficial* e apresentando uma proposta de rede construcional.

A Gramática de Construções no âmbito da Linguística Funcional Centrada no Uso

Entende-se, no âmbito da Linguística Funcional Centrada no Uso (LFCU), que a renovação do sistema linguístico não ocorre de maneira arbitrária, e, sim, a partir de motivações internas e externas à língua. É através da associação entre aspectos linguísticos, processos cognitivos e fatores socioculturais que ocorre a correspondência simbólica entre aspectos da forma e aspectos da função de uma construção e seu alinhamento a um esquema mais abstrato já fixado na língua.

A LFCU apresenta três princípios básicos: (i) a reformulação da gramática da língua pelo uso, (ii) a investigação da língua sob o ponto de vista da gramática e do discurso simultaneamente e (iii) a correlação entre estruturas linguísticas e suas funções discursivas no contexto comunicativo.

Somados a esses três princípios, alguns pressupostos da Gramática de Construções (GC) contribuem fundamentalmente para a LFCU. Da GC, a LFCU toma os conceitos de construção, que se estabelece pela convencionalização do pareamento forma-função, e de rede hierárquica, que consiste em um inventário de construções que se relacionam em termos de esquematicidade.

A construção é entendida como sendo uma unidade básica da língua. Para Goldberg (1995, 2006, 2016), a construção é um pareamento de forma e função convencionalizado na língua. Para Croft (2001), qualquer estrutura gramatical constitui uma construção na língua – desde morfemas a padrões completamente esquemáticos. De acordo com Croft (2001), uma construção é uma associação simbólica de propriedades relacionadas ao polo da forma (propriedades fonológicas, morfológicas e sintáticas) e ao polo do sentido⁹ (propriedades semânticas, pragmáticas e discursivas).

Já Traugott e Trousdale (2013, p. 8) representam a construção da seguinte maneira: $[[F] \leftrightarrow [M]]$. F indica a forma; M indica o sentido; os colchetes externos indicam que o pareamento forma-sentido constitui uma unidade convencionalizada na língua; e a seta dupla indica uma correspondência entre o polo da forma – que compreende fonologia, morfologia e sintaxe – e o polo do sentido – que compreende semântica, pragmática e discurso.

Uma vez que existem construções mais específicas e outras mais esquemáticas na língua, o sistema linguístico é entendido como uma rede de relações entre tais construções. E, a fim de demonstrar os graus de generalidade e de especificidade das construções em uma rede hierárquica, Traugott e Trousdale (2013) propõem a existência de três níveis esquemáticos: esquema, subesquema e microconstrução. O esquema consiste na representação virtual mais alta da rede; é a construção formal e funcionalmente mais geral e mais abstrata que apresenta diversas possibilidades de preenchimento. O subesquema representa o nível intermediário; ele agrupa conjuntos de construções individuais que possuem similaridades entre si. Já a microconstrução representa o nível mais baixo da rede; ela é uma construção individual que mantém suas particularidades em relação ao pareamento forma-função e que preenche o *slot* dentro do subesquema.

A partir da necessidade de maior expressividade no discurso, o falante negocia sentido com seu interlocutor no curso da interação comunicativa, instanciando um novo pareamento na língua. Quando esse novo uso se torna recorrente entre os membros de uma comunidade linguística, uma nova construção é convencionalizada em uma microconstrução e adicionada à rede hierárquica – tal processo de mudança linguística é denominado construcionalização por Traugott e Trousdale (2013).

Enquanto na construcionalização gramatical o surgimento de uma nova construção de natureza mais procedural na língua resulta de uma sucessão de micropassos, de maneira gradual, na construcionalização lexical a emergência de uma nova construção de natureza mais conceitual tende a ocorrer de maneira mais instantânea (Traugott; Trousdale, 2013).

⁹ Neste artigo, falamos em pareamento forma-função (Goldberg, 2016), em vez de pareamento forma-sentido (Croft, 2001), por entendermos que o termo “função” é mais abrangente do que o termo “sentido” para designar o conjunto de propriedades semânticas, pragmáticas e discursivas.

Neste artigo, tratamos da construcionalização gramatical de construções com *real* e *real oficial*, que envolve aumento de esquematicidade, aumento de produtividade e decréscimo de composicionalidade. Quanto mais frequente é uma construção na língua, mais esquemática e geral ela tende a se tornar, além de mais produtiva também, servindo como exemplar para a instanciação de novos pareamentos. Em contrapartida, observamos que o aumento da frequência de construções com *real* e *real oficial* implica perda de composicionalidade, isto é, a soma dos significados dos elementos que compõem a construção não corresponde ao significado do todo. Sendo assim, em diferentes contextos, construções com *real* e *real oficial* tendem a adquirir novas formas e novas funções, de maneira a atender a novos propósitos comunicativos.

Focalização e modalização: pressupostos fundamentais

A língua é resultado de processos cognitivos, histórico-sociais, contextuais e linguísticos. Além disso, está a serviço das situações comunicativas, ou seja, é moldada no uso a depender da intenção de seus usuários.

O ato comunicativo desvela marcas deixadas por seus falantes. A expressividade do falante, sua intenção, opinião, crença, posicionamento e/ou engajamento ao que é enunciado estão relacionados à modalização do discurso. Nesse sentido, a modalização acontece na interação e está a serviço dos propósitos comunicativos. De acordo com Neves (2013, p. 200),

[...] parece evidente que o estabelecimento da interação verbal – da ‘troca’ que cumpre função interpessoal da linguagem – é o momento em que os interlocutores, ao mesmo tempo que organizam a mensagem, definem seus papéis na interlocução, colocando-se na posição de doador ou de solicitador, de asseverador, de perguntador, de respondedor, de ordenador, etc. (a modalização implícita), ao mesmo tempo que escolhem marcar explicitamente seu enunciado – ou não – com valores modais de diversas categorias.

Desse modo, é na interação e a depender das intenções dos interlocutores que a modalização se materializa. Além disso, segundo Neves (1996 *apud* Neves, 2013), o processo de modalização pode ser manifestado por diferentes constituintes linguísticos: verbos, advérbios, adjetivos, substantivos, categorias gramaticais, entre outros. Além disso, a modalização pode ser categorizada em diferentes tipos: alética, epistêmica, deôntica, bulomaica, entre outras. No caso das construções com *real* e *real oficial*, é possível observar que, preferencialmente, esses usos ocorrem em contextos de modalização epistêmica, em que o falante expressa seu posicionamento perante o enunciado, revelando certo comprometimento com aquilo que é dito.

No que se refere à modalização epistêmica, Palmer (2001, p. 8, tradução nossa) argumenta que “com a modalidade epistêmica, os falantes expressam seus julgamentos sobre

o status factual da proposição”¹⁰. Para Neves (2000, p. 237) os epistêmicos “indicam uma crença, uma opinião, uma expectativa sobre a asserção”.

No caso das construções modalizadoras epistêmico-asseverativas com *real* e *real oficial*, a subjetividade e a expressividade do falante são aspectos essenciais ao processo de modalização, visto que estão intrinsicamente ligadas ao posicionamento do falante, ao pensamento expresso por ele. A depender da maneira como o enunciado é apresentado, o engajamento do falante pode ser percebido de forma mais contundente ou não. Sendo assim, em tais construções, *real* e *real oficial* são marcas que revelam a subjetividade do falante de forma asseverativa em relação ao enunciado.

Além de imprimirem de modo asseverativo as impressões do falante, *real* e *real oficial* atuam como elementos focalizadores. Nesses casos, esses constituintes direcionam a atenção do interlocutor para o foco da modalização, a saber: os sintagmas.

No que se refere à noção de focalização, entendemos como fundamental a ação de evidenciar, destacar uma porção do enunciado, a depender do propósito comunicativo do falante. Sendo assim, o segmento mais relevante, segundo a visão do falante, é focalizado. Nesse sentido, Gonçalves (1998) utiliza a metáfora da iluminação teatral a fim de elucidar o processo de focalização. Segundo o autor, nesse contexto, a focalização é comparada a um holofote que é direcionado para uma determinada cena. A cena focalizada representa os constituintes a serem destacados, e a totalidade do palco, o texto enunciado. Sendo assim, sob essa perspectiva, a focalização constitui um

[...] fenômeno de natureza discursivo-pragmática, pois o usuário pode centrar sua atenção a uma parcela do enunciado que julgue relevante, enfatizando-a. Pode ser definida, assim, como o highlighting dado pelo falante à porção do enunciado na qual ele considera estar o núcleo da informação. Por essa razão, certas partes de um texto são enfatizadas não só porque são centrais (focais) no discurso, mas também porque são vistas através de certas perspectivas que afetam tanto o que o falante diz quanto o que o ouvinte interpreta. (Gonçalves, 1998, p. 33)

Portanto, na interação, o falante enfatiza as partes que julga mais importantes, direcionando e orientando a atenção e a interpretação do interlocutor.

Esse fenômeno também é tratado por Travaglia (2006) em termos de relevo e proeminência, destacando, também, sua ancoragem nas motivações do falante. Segundo o autor, o relevo

[...] incide sobre a maneira como o produtor do texto quer que seu interlocutor considere os conceitos e modelos cognitivos ativados no texto. Essa maneira geralmente é dada por quantificadores, intensificadores e advérbios que têm natureza aproximada. (Travaglia, 2006, p. 62)

¹⁰ C.f.: “[...] with epistemic modality speakers express their judgments about the factual status of the proposition [...]”.

É nesse sentido que as construções modalizadoras epistêmicas asseverativas com *real* e *real oficial* atuam como focalizadores, pois atribuem relevo aos sintagmas, segmentos mais relevantes, foco da modalização. Além disso, direcionam e orientam a atenção e a interpretação dos interlocutores.

Procedimentos metodológicos

Nesta seção, apresentamos os procedimentos metodológicos adotados nesta pesquisa. Na subseção 4.1, tratamos da descrição do *corpus* sincrônico sob análise, constituído para o estudo das construções modalizadoras epistêmico-asseverativas com *real* e *real oficial* na língua portuguesa. Posteriormente, na subseção 4.2, abordamos o equacionamento entre a análise qualitativa e o cálculo da frequência de uso na investigação das ocorrências. Por fim, na subseção 4.3, tratamos do auxílio do *software* Praat para a análise prosódica dos dados, já que, como demonstraremos na próxima seção, a investigação do traço prosódico nas construções com *real* e *real oficial*, em contextos de modalização epistêmica asseverativa, mostra-se extremamente relevante no tratamento dos padrões construcionais identificados.

A constituição do *corpus*

Para a realização deste trabalho, foi constituído um *corpus* sincrônico, característico da modalidade oral da língua, composto por um total de 24 horas e 31 minutos de vídeos provenientes da plataforma *online* YouTube¹¹, os quais datam do período compreendido entre 2017 e 2020. Tendo em vista que a pesquisa tem como objetivos mais específicos a identificação e a descrição de pareamentos forma-função das construções modalizadoras com *real* e *real oficial*, a partir dos níveis de esquematicidade propostos por Traugott e Trousdale (2013) – esquema, subesquema e microconstrução –, não nos detemos, aqui, à trajetória individual dos termos *real* e *real oficial*, mas, sim, ao seu status construcional na sincronia atual ao expressar o posicionamento modalizador do locutor com atitudes direcionadas à interação e ao interlocutor.

A escolha pelo *corpus* sincrônico justifica-se pelo fato de as construções aqui investigadas serem de recente surgimento na língua. Interessa-nos investigar como essas construções hodiernas com *real* e *real oficial* são utilizadas em contextos de modalização, e não, propriamente, a sua trajetória de mudança ao longo do tempo, sob uma perspectiva diacrônica. É nesse sentido que assumimos que o modelo proposto por Traugott e Trousdale (2013), embora tenha sido pensado para o tratamento da mudança sob o ponto de vista da

¹¹ Buscando maior variabilidade, os vídeos foram coletados de maneira randômica quanto aos temas, falantes e regiões do país.

diacronia, serve como base teórico-metodológica para uma investigação dessas construções em termos de (i) sua analisabilidade, segundo as propriedades da esquematicidade, produtividade e composicionalidade e (ii) sua (re)organização em uma rede, levando em conta a dinamicidade da língua em uma perspectiva sincrônica.

Vale ainda destacar que, no que se refere ao conteúdo dos vídeos que constituem o *corpus* sob análise, as temáticas são diversificadas, tais como viagem, tutoriais de maquiagem, *vlogs*, entrevistas, receitas culinárias, dentre outras. Além da diversidade temática, os falantes, usuários das ocorrências analisadas, são diversificados em sua faixa etária, sexo, região e status econômico.

Método misto

Neste trabalho, para a análise das ocorrências representativas de padrões construcionais com *real* e *real oficial*, associamos a análise qualitativa dos dados ao levantamento da frequência de uso. Entendemos que o método misto seja capaz de contribuir para uma análise mais detalhada dos dados, bem como para a organização da rede em esquema, subesquemas e microconstruções.

A análise qualitativa está mais relacionada ao olhar do pesquisador sobre o objeto. Entendemos, assim como Cunha Lacerda (2016, p. 89), que esse tipo de metodologia permite ao analista “a) caracterizar o pareamento entre forma e significado no nível da microconstrução, do subesquema e do esquema; e b) descrever os contextos de uso em que emergem os construtos na língua”. Já a análise quantitativa refere-se à frequência de uso das construções, contribuindo para o reconhecimento de padrões de usos, para a análise da extensibilidade e da produtividade desses padrões.

No que se refere à frequência de uso, Bybee (2003) destaca a importância de dois tipos de verificação de frequência para a investigação linguística, a saber: frequência *type* e frequência *token*. Nas palavras da mesma autora, a “frequência *type* diz respeito à frequência de um padrão específico no dicionário [...]”¹² (Bybee, 2003, p. 604, tradução nossa), enquanto a *token* refere-se “à frequência da ocorrência de uma unidade, geralmente uma palavra ou morfema, no texto”¹³ (Bybee, 2003, p. 604, tradução nossa). Nesse sentido, os *types* relacionam-se a padrões mais esquemáticos da construção; já os *tokens* às ocorrências empiricamente atestadas na interação. Para uma análise mais ampla, adotamos, portanto, uma investigação que equacione o olhar do pesquisador – método qualitativo – e a aferição numérica dos dados – método quantitativo.

¹² C.f.: “Type frequency refers to the dictionary frequency of a particular pattern [...]”.

¹³ C.f.: “Token or text frequency is the frequency of occurrence of a unit, usually a word or morpheme, in running text.”

O software Praat

O Praat é um *software* criado para análise e síntese da fala por meio da acústica, o qual foi desenvolvido pelos linguistas Paul Boersma e David Weenink, da Universidade de Amsterdã, na Holanda. Aspectos fonológicos, tais como tonicidade, intensidade, entoação e ritmo compõem o material linguístico e desempenham papéis fundamentais na interação, a depender da intenção dos falantes.

No que se refere aos contextos de modalização e, principalmente, aos escopos da modalização no discurso, a prosódia faz-se relevante para a análise das construções com *real* e *real oficial* no *corpus* analisado. Sendo assim, fazemos uso do *software* Praat, que fornece subsídios para a compreensão da própria construção no que diz respeito à sua contraparte formal.

Dada a relevância da prosódia, Neves (2013, p. 168) defende que “seja qual for o meio segmental utilizado, os meios prosódicos sempre estão presentes na modalização em linguagem falada, e frequentemente são os únicos responsáveis por ela”. Por meio de traços suprasegmentais, é possível perceber as marcas de expressividade que o falante imprime em sua fala.

É nesse sentido que este trabalho, por meio do *software* Praat, busca analisar a prosódia e compreender de que maneira ela atua na força ilocucionária da fala, ou seja, na intenção subjacente ao enunciado. Entre os vários elementos que constituem a prosódia, realizamos um recorte e elegemos o *break*, ou *Prosodic Break (PB)*, nos termos de Bögels *et al.* (2011), como recurso prosódico auxiliar na identificação do escopo da modalização realizada por *real* e *real oficial* e, conseqüentemente, na classificação das ocorrências nos subesquemas identificados. Entendemos o *break* como uma pausa, elemento que compõe o limite prosódico ou limite de frase entoacional.

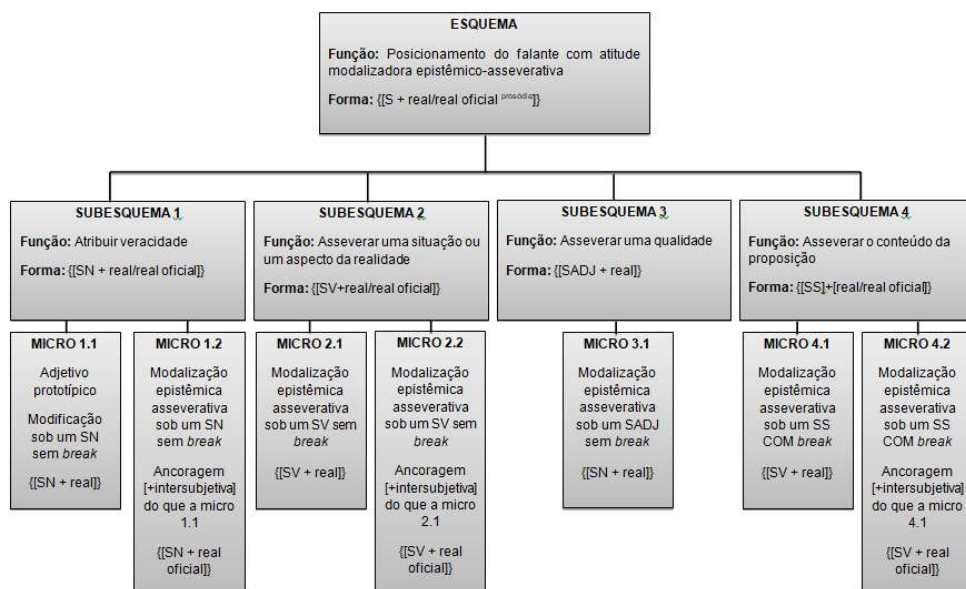
Nesse sentido, partimos do princípio de que, nos casos analisados, a verificação da presença ou ausência desse elemento sugere a maneira como os constituintes da construção estão organizados cognitivamente e, conseqüentemente, materializados na produção oral. Com isso, a depender do grau de integração entre os sintagmas (nominal, verbal, adjetival e sentencial) e *real* e *real oficial*, identificamos o escopo da modalização realizada por tais elementos e agrupamos as ocorrências nos subesquemas identificados.

Análise de dados: as construções modalizadoras epistêmico-asseverativas com *real* e *real oficial*

Nesta seção, apresentamos o modo como as construções com *real* e com *real oficial* têm sido recrutadas e utilizadas pelos falantes em contextos de modalização epistêmico-asseverativa. Sendo assim, descrevemos os pareamentos forma-função de tais construções a partir de uma proposta de rede esquemática organizada em níveis hierárquicos em torno de

um esquema abstrato mais amplo. A fim de elucidar o modo como as construções com *real* e *real oficial* estão dispostas e como elas relacionam entre si, apresentamos a seguir, a rede com tais construções:

Figura 1 – Rede construcional com *real* e *real oficial*.



Fonte: Barbosa (2020, p. 123).

Como pode ser observado pela imagem acima, a rede das construções investigadas se estrutura a partir de um esquema mais abrangente que serve como base/origem para quatro subesquemas, em um nível hierárquico mais baixo, e, desses, originam-se sete microconstruções.

A partir da análise empreendida, entendemos que as construções modalizadoras epistêmico-asseverativas com *real* e *real oficial* surgem de um esquema mais abstrato e mais geral. Vejamos a seguir:

Quadro 1 – Representação do pareamento forma-função do esquema.

ESQUEMA	
Função	Posicionamento do falante com atitude modalizadora epistêmico-asseverativa
Forma	{[S ¹⁴ + real/real oficial prosódia]}

Fonte: Barbosa (2020, p. 73).

No que se refere aos aspectos formais desse pareamento, é possível notar que *real* e *real oficial* ligam-se a um sintagma (nominal, verbal, adjetival ou sentencial), apresentando traços prosódicos específicos. Quanto a sua função, o esquema revela o posicionamento do falante com atitude modalizadora epistêmico-asseverativa. Além disso, *real* e *real oficial*

¹⁴ S = sintagma (nominal, verbal, adjetival ou sentencial).

atuam como focalizadores, ou seja, direcionam a atenção do interlocutor ao escopo da modalização, o sintagma. Nesses casos, o falante utiliza tais construções a fim de asseverar aquilo que é enunciado, revelando, assim, maior intersubjetividade.

Conforme já mencionado, quatro subesquemas derivados desse esquema mais amplo foram identificados. Cada subesquema apresenta características formais e funcionais específicas a depender da intenção do falante. A prosódia, nesses casos, desempenha papel fundamental como traço distintivo na identificação e classificação dos subesquemas. A seguir, de maneira geral, apresentamos a descrição de cada subesquema quanto à sua forma e à sua função, vejamos:

Quadro 2 – Representação dos pareamentos forma-função dos subesquemas.

SUBESQUEMAS	
Subesquema 1	Função: Atribuir veracidade
	Forma: {[SN ¹⁵ + real/real oficial prosódia]}
Subesquema 2	Função: Asseverar uma situação ou um aspecto da realidade ¹⁶
	Forma: {[SV ¹⁷ + real/real oficial prosódia]}
Subesquema 3	Função: Asseverar uma qualidade
	Forma: {[SADJ ¹⁸ + real prosódia]}
Subesquema 4	Função: Asseverar o conteúdo da proposição
	Forma: {[SS ¹⁹] + [real/real oficial prosódia]}

Fonte: Barbosa (2020, p. 74).

No quadro acima, observamos que, no primeiro subesquema, *real* e *real oficial* unem-se a um sintagma nominal a fim de atribuir veracidade. No segundo subesquema, tais termos ligam-se a sintagmas verbais a fim de asseverar uma situação ou aspecto da realidade. Já no terceiro subesquema, observamos que *real* associa-se a um sintagma adjetival com o intuito de asseverar uma qualidade. Vale ressaltar que, em nossos dados, não verificamos o uso de *real oficial* pertencente a esse subesquema. Por fim, no quarto subesquema *real* e *real oficial* coadunam-se a uma sentença, asseverando todo o conteúdo proposicional expresso. Acerca da prosódia, por meio de análise acústica da fala, nos três primeiros subesquemas, verificamos que há ausência de *break* (pequena pausa) entre o escopo da modalização, os sintagmas, e *real* e *real oficial*. Isso nos leva a crer que esses constituintes dispostos de forma contínua estão mais integrados, também, cognitivamente. Já no quarto subesquema, averiguamos a presença de *break* entre a sentença e *real* e *real oficial*, indicando, assim, que eles se estruturam de maneira menos integrada que os demais.

¹⁵ SN = Sintagma nominal.

¹⁶ Destacamos que o termo “realidade” não está sendo utilizado aqui como sinônimo de “verdade”, mas sim com o sentido de “mundo externo”.

¹⁷ SV = Sintagma verbal.

¹⁸ SADJ = Sintagma adjetival.

¹⁹ SS = Sintagma sentencial.

No que se refere ao aspecto quantitativo dos dados, apresentamos, a seguir, a frequência de uso com *real* e *real oficial* em cada subesquema.

Tabela 1 – Frequência de *real* e *real oficial* por subesquema.

	Subesquema 1	Subesquema 2	Subesquema 3	Subesquema 4	Total
Real	22	38	8	23	91
Real oficial	9	2	-	1	12
Total	31	40	8	24	103

Fonte: Barbosa (2020, p. 121).

Conforme demonstrado acima, o *corpus* analisado é composto por 103 ocorrências, sendo 91 com *real* e 12 com *real oficial*. Nesse sentido, é possível que as construções com *real* sejam mais frequentes na língua. No que se refere à produtividade por subesquema, averiguamos que o subesquema 2, em que *real* e *real oficial* ligam-se a sintagmas verbais, é mais produtivo que os demais. O subesquema 3 é o que apresenta a menor produtividade entre todos.

Com o intuito de ser mais expressivo, o falante utiliza essas construções com *real* e *real oficial* revelando seu posicionamento asseverativo acerca da realidade, veracidade e autenticidade daquilo que é dito. Portanto, nesses contextos de modalização, *real* e *real oficial* apresentam funções adjetivais e adverbiais, no primeiro subesquema e nos três demais subesquemas, respectivamente.

Apresentamos, neste trabalho, de forma pontual, oito casos em que *real* e *real oficial* desempenham essa nova função comunicativa em contextos de modalização epistêmico-asseverativa. A fim de oferecer as informações necessárias para a descrição dos padrões construcionais, seguimos o seguinte percurso analítico: a) apresentamos a transcrição da fala do excerto em questão seguida de um breve comentário acerca do contexto da situação comunicativa em que origina a ocorrência; c) tratamos, de modo pontual, das categorias analíticas fundamentais para a descrição e a análise do padrão construcional em questão; d) realizamos uma análise da construção quanto à prosódia, apresentando uma tela do programa Praat e sua posterior descrição.

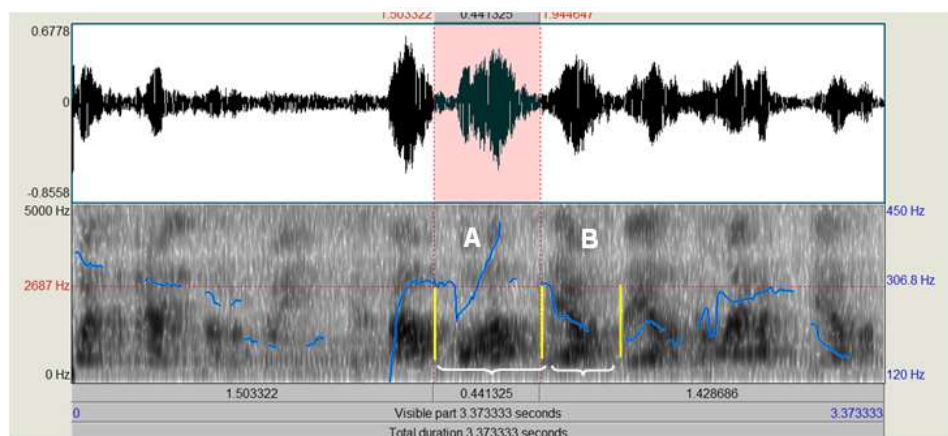
Agrupamos, no subesquema 1, mais especificamente na micro 1.1, as ocorrências em que *real* e *real oficial* desempenham funções adjetivais, atribuindo ao sintagma nominal um sentido de realidade. Por sua vez, já na micro 1.2, *real oficial* atua como modalizador epistêmico, expandindo esse atributo de realidade. Nesse caso, embora o adjetivo *real* imprima um sentido de realidade, o falante, objetivando ser mais expressivo e mais convincente, coadunaria *real* e *oficial* com o intuito de revelar, também, a noção de veracidade. Nesses casos, tais ocorrências mostram-se mais intersubjetivas, visto que *oficial* fortaleceria, em termos semântico-pragmáticos, o sentido de realidade da construção. Em

ambas as microconstruções, tais construções orientam a atenção do falante ao escopo da modalização: o sintagma nominal. Vejamos um exemplo:

(5) Falando sobre a Jéssica, muita gente ficou irritada com a voz dela. Com aquela vozinha de bebê, de criancinha. E uma coisa viralizou no Twitter, a voz REAL dela não era aquela. Aquela era a voz de bebê, de namoro que ela fazia, mas era difícil de entender, né, porque não... ela fazia isso muitas vezes. E depois a galera começou a postar no Twitter, comparando a voz real dela, quando ela falava tipo nos depoimentos ou falava sério e a voz de bebê quando ela falava com os caras. (Corpus Youtube, 2020)²⁰

A ocorrência apresentada acima foi retirada de um vídeo em que uma apresentadora traz considerações e opiniões acerca de uma série americana sobre casamentos. Nesse caso, tece comentários sobre a diferença na voz de uma das participantes, que, em situações românticas, alterava o tom de voz. Dessa forma, ela faz uma comparação entre a voz normal e a voz característica da personagem. Com isso, o falante utiliza o adjetivo *real* para se referir à voz natural, àquela que a personagem usa em situações cotidianas, atribuindo valor de realidade ao sintagma nominal “a voz”. Acerca da prosódia, *real* e “a voz” mostram-se interligados, não apresentando *break* entre esses constituintes. Vejamos a seguir:

Figura 2 – Representação da ocorrência 5 pelo software Praat.



Fonte: Barbosa (2020, p. 82).

A figura acima ilustra a análise acústica da ocorrência em (5), em que *real* atua como adjetivo prototípico. O segmento destacado em vermelho corresponde ao sintagma nominal “a voz”. Já na outra porção, em *B*, temos a produção acústica de *real*. É possível notar que, nesse caso, o sintagma nominal “a voz” é modalizado por *real*, de forma mais integrada, não

²⁰ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Ug6-mSBrKyq>. Acesso em: 12 mar. 2020.

apresentando *break* entre eles. A ausência desse intervalo é observada pela continuidade das construções, ilustrada pelas três linhas em amarelo. Portanto, nesse caso apresentado, *real* atua como adjetivo prototípico, cujo escopo é o sintagma nominal “a voz”. Como amostra de uma ocorrência com *real oficial*, temos:

(6) E: Desde o ano passado, a Thássia Naves fez festa de noivado e fez casamento

F: é chá bar

E: chá bar, é casamento, esse foi o segundo, inclusive. Esse é o segundo casamento. Ano passado, a gente fez aqui a análise do noivado dela, então, se você não assistiu, vou deixar o link aqui na descrição. Aqui em cima também tá, pra você assistir. Mas o que importa é o casamento REAL OFICIAL.

F: sim, gente, a gente ia até fazer um vídeo antes, no casamento anterior, que ela estava com aquele vestido lá que parecia uma história de terror.

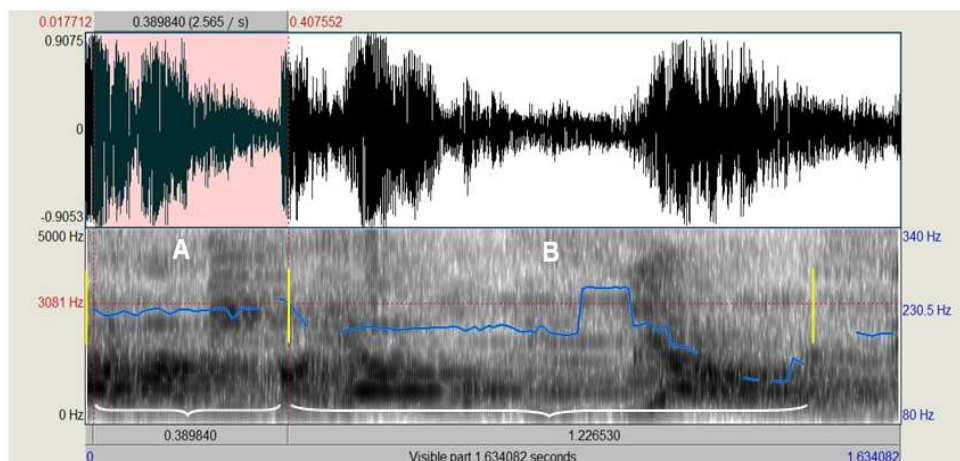
F: Horrível! (Corpus Youtube, 2019)²¹

No caso apresentado em (6), a interação acontece entre dois participantes que emitem opiniões sobre festas realizadas por pessoas famosas. No vídeo, a festa de casamento de uma blogueira é analisada por eles. Ao longo da argumentação, de forma irônica, os falantes enumeram várias festas que a blogueira já fizera, enfatizando o fato de ela constantemente fazer festas. Diante desses comentários, com o intuito de salientar a relevância da análise que eles fariam naquele vídeo em questão, os locutores coadunam *real oficial* e “o casamento” para imprimir legitimidade àquele casamento que eles analisariam no vídeo, visto que era o “verdadeiro”, segundo a opinião deles. Desse modo, para expressarem o sentido de “ser o oficial” e de “autenticidade”, os locutores modalizam o sintagma nominal usando *real oficial*. Nesse sentido, subjacente ao uso dessa construção, há o posicionamento do falante, sua opinião acerca do casamento – como oficial e verdadeiro. No que se refere às marcas de subjetividade na interação, o locutor, de forma epistêmico-asseverativa, assume a “veracidade” e a “autenticidade” do casamento analisado por eles, antecipando qualquer possível questionamento do interlocutor. Sendo assim, é nesse contexto que consideramos o padrão construcional com *real oficial* como mais ancorado na intersubjetividade.

No que se refere à análise do traço prosódico, é possível perceber por meio da tela do programa Praat que *real oficial* se ordenam de forma contínua, sem apresentar *break* entre si tampouco entre o escopo de sua modalização, o sintagma nominal. Vejamos a seguir:

²¹ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=VIm-LTIPoTQ>. Acesso em: 17 nov. 2019.

Figura 3 – Representação da ocorrência 6 pelo software Praat.



Fonte: Barbosa (2020, p. 90).

Na imagem acima, a porção destacada em vermelho refere-se à produção oral de “o casamento”; já a porção sinalizada pela letra *B*, à de *real oficial*. Nesse caso, “o casamento” é o foco da modalização realizada por *real oficial*. As três linhas em amarelo marcam os limites da construção. A partir dessas informações, é possível verificar que o sintagma nominal e *real oficial* organizam-se de modo mais interligado, sem *break*.

As microconstruções alocadas no subesquema 2 dizem respeito aos usos de *real* e *real oficial* associados a sintagmas verbais. Em geral, nesses casos, os verbos recrutados apresentam-se no tempo presente, no passado ou no gerúndio; além disso, em alguns casos, são verbos passíveis de gradação. Quanto à prosódia, é possível averiguar a ausência de *break* entre o sintagma verbal e *real* e *real oficial*. Os falantes utilizam esse padrão construcional a fim de asseverar uma situação ou um aspecto da realidade, revelando seu posicionamento em relação ao que é dito de forma asseverativa. Ademais, nesses casos, *real* e *real oficial* atuam como focalizadores, ou seja, orientam a atenção do interlocutor para o alvo da modalização: o sintagma verbal. Em outras palavras, uma situação ou um aspecto da realidade expressos pelo verbo recebem relevo. Abaixo demonstramos um exemplo desse padrão construcional, vejamos:

(7) F: Quando a gente fez o clipe, você tava, você não comia mais glúten, você não comia mais um monte de coisa, isso manteve?

L: na gravidez? Que isso! Eu só pensava assim ‘por que nao dois’? Por que não dois? Ah! Quero uma sobremesa, por que não duas? Eu pedia duas. Uma vez eu pedi aplicativo de comida, chegava eu achava pouco, eu falava ‘gente, como é pequeno isso!’, pedia de novo.

F: eu tô, eu tô... sou eu e mais um, eu tenho que comer por dois

L: por dois, cara!

F: faz todo sentido!

L: eu comi a vida, eu comi o mundo... quando as pessoas falavam: ‘ah você tá inchada’, ‘eu não tô inchada, bem, tô pagando o preço porque eu comi REAL, eu comi tudo’

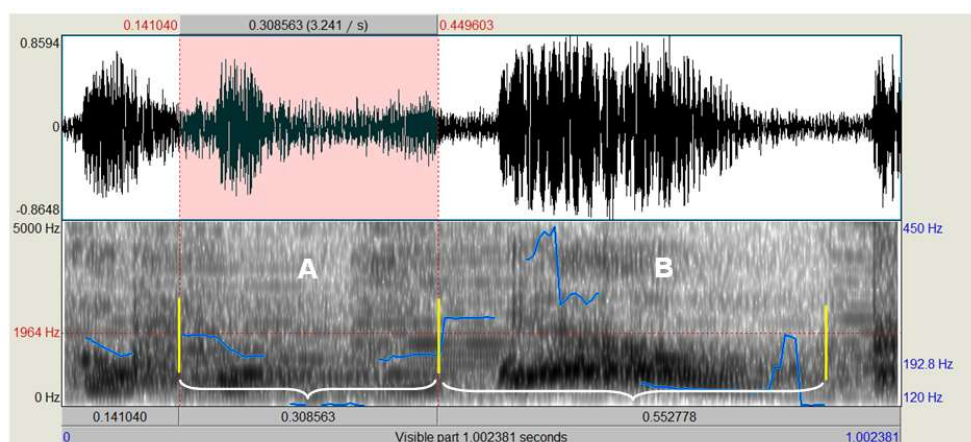
F: ele nasceu lindo, saudável, lorinho

L: de olho azul

F: mas será que não muda a cor? (Corpus Youtube, 2019)²²

Esse trecho foi extraído de uma entrevista com uma cantora famosa. No vídeo, diversos assuntos são abordados, entretanto, o padrão construcional com *real* é utilizado no momento que elas conversam sobre alimentação na gravidez. Nesse sentido, a fim de destacar as diferenças as alterações de seu padrão alimentar, a cantora utiliza *real* para demarcar sua atitude (comer), asseverando sua fala. Portanto, ao dizer “eu comi real”, a ação explicitada pelo sintagma verbal “comer” é modalizada de forma epistêmico-asseverativa por *real*, que atua como advérbio modalizador. No que se refere à intersubjetividade na interação, a expressividade do falante pode ser observada também pelas expressões utilizadas pela cantora, tais como: “eu comi a vida” e “eu comi o mundo”. Desse modo, é possível notar a intenção do falante em asseverar e convencer o interlocutor da veracidade da ação explicitada pelo sintagma verbal, ou seja, de que ela comeu exacerbadamente durante a gestação. Nesse sentido, o falante imprime seu posicionamento em relação ao que é enunciado e sua preocupação com a interpretação do interlocutor, asseverando de modo que não deixe margem para possíveis dúvidas. É nesse contexto que *real* incide sobre o sintagma verbal. No que se refere à prosódia, *real* e o sintagma verbal organizam-se forma contínua, sem apresentar *break* entre si, conforme pode ser atestado pela tela do programa Praat a seguir:

Figura 4 – Representação da ocorrência 7 pelo software Praat.



Fonte: Barbosa (2020, p. 96).

²² Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=F4oR_Dlzz2k. Acesso em: 8 out. 2019.

Agrupamos, na microconstrução 2.2, as duas ocorrências em que *real oficial* se liga a sintagmas verbais a fim de asseverar a ação expressa pelos verbos. Vejamos a seguir tais exemplos:

(8/9) F: agora a gente vai botar fogo nessa lista porque o negócio rolou até explosão ao vivo, gente. Se você acha que só a Xuxa botou fogo na Globo, você está enganado. Faustão, gente, trouxe uma churrasqueira elétrica que simplesmente explodiu no programa.

E: Foram testar lá, apertaram um botão, daqui a pouco, saiu uma labareda, gente.

{início do vídeo}

F: Pra mostrar uma churrasqueira controle remoto.

O: apertou número um liga.

F: ligou!

O: e apertou... [bummmm- explosão]

F: Puta vida! E agora pra desligar essa merda, aí meo?! Porra, ligou!

{fim do vídeo}

F: parece que é uma pegadinha, mas é sério mesmo.

E: não, é seríssimo, gente!

F: é sério!

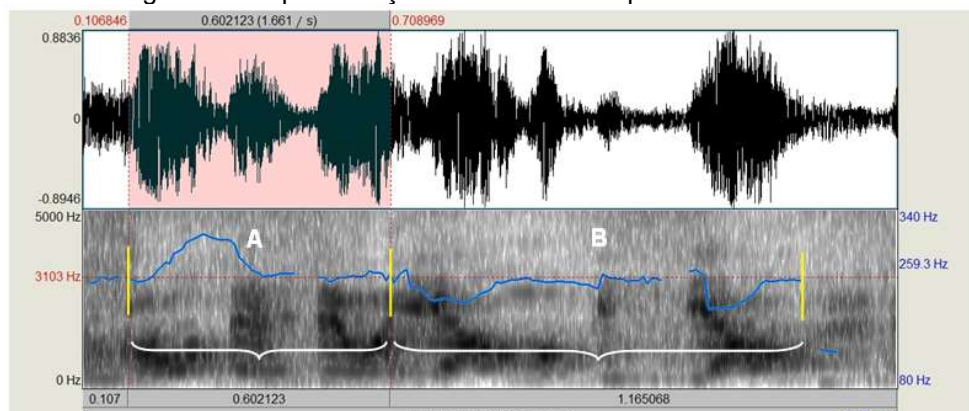
E: Isso aconteceu REAL OFICIAL e o Faustão se assustou REAL OFICIAL. Eu sei que acabou o programa depois disso, né, gente. (*Corpus Youtube*, 2019)²³

As ocorrências acima foram retiradas de um vídeo em que os falantes apresentam episódios inusitados que aconteceram no programa *Domingão do Faustão*, transmitido pela Rede Globo. No excerto investigado, os locutores mencionam um fato engraçado envolvendo um incêndio com uma churrasqueira elétrica. Devido ao fato de ser algo pouco provável de acontecer em um programa de televisão, os falantes, a fim de asseverar e convencer o interlocutor de que aquilo realmente ocorreu, utilizam *real oficial* para esse fim. Conforme pode ser verificado na transcrição das ocorrências, os sintagmas verbais estão coadunados a *real oficial*. Nesses casos, tais sintagmas são o escopo da modalização realizada por *real oficial*. Além disso, *real oficial* atua como focalizador, direcionando a atenção do interlocutor para a ação expressa pelos verbos. Nesse sentido, é possível observar o comprometimento do falante em relação à veracidade do episódio narrado e, também, uma preocupação com a interação, asseverando a fala de modo que não dê espaço para qualquer possível dúvida do interlocutor. Nesses casos, quanto à prosódia, *real oficial* se mostram mais integrados aos

²³ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=PgexdGHUCSSs>. Acesso em: 5 fev. 2020.

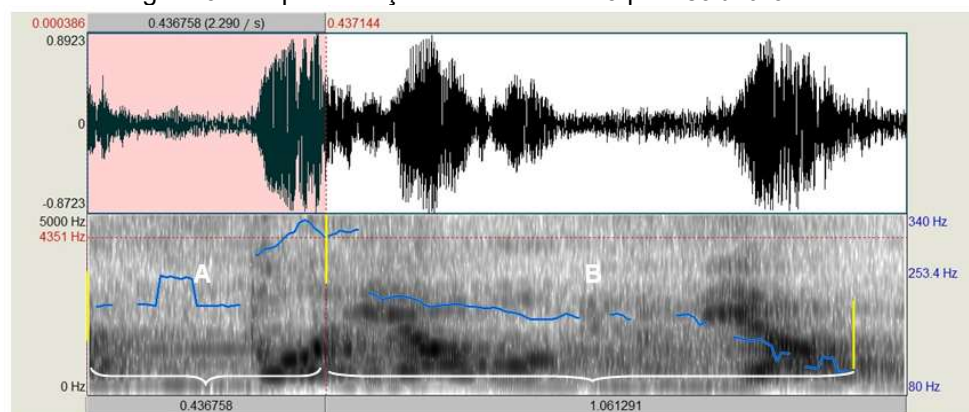
sintagmas, foco da modalização, como pode ser verificado por meio das telas do programa Praat a seguir:

Figura 5 – Representação da ocorrência 8 pelo software Praat.



Fonte: Barbosa (2020, p. 102).

Figura 6 – Representação da ocorrência 9 pelo software Praat.



Fonte: Barbosa (2020, p. 103).

As imagens acima são capturas de tela da análise acústica das ocorrências (8) e (9) realizadas pelo programa Praat. Nessas imagens demonstramos a maneira como *real oficial* se coloca junto ao sintagma verbal, de maneira mais integrada, sem apresentar *break* entre os constituintes. Portanto, nesses casos, *real oficial* orientam a atenção do interlocutor para o foco da modalização, o sintagma verbal. Além disso, esses usos são mais intersubjetivos, pois revelam uma preocupação do falante com a interação e com a interpretação do interlocutor.

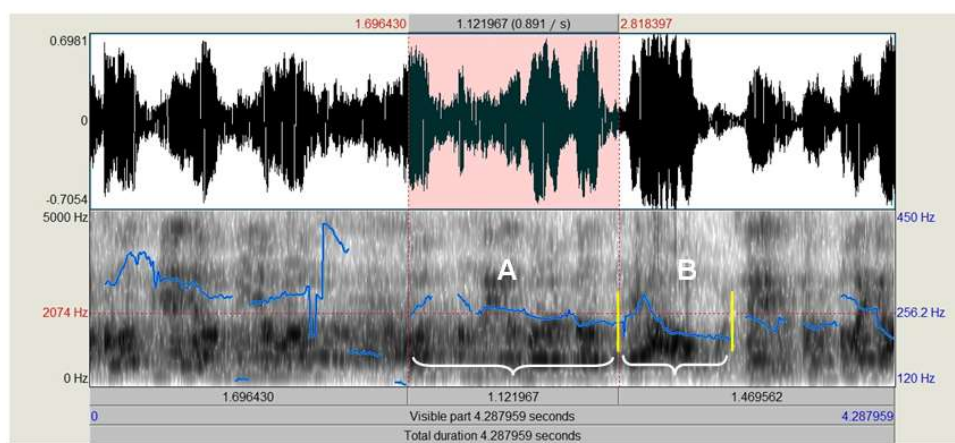
No subesquema 3, compilamos as oito microconstruções em que *real* liga-se a sintagmas adjetivais, a fim de asseverar uma qualidade expressa por tal sintagma. No *corpus* de análise, não encontramos ocorrências pertencentes a esse subesquema com *real oficial*. A seguir apresentamos um exemplo desse padrão.

(10) Hello, Hello, seus lindos, estou aqui com essas lindonas maravitchosas, youtubers, migas. Consegui reuni-las, quantas meninas maravilhosas REAL! gente, é

muito legal. E estamos no fim do ano, clima natalino, vocês viram o sorteio aí no canal, aquele clima, expectativa, quem tirou quem. E é hoje! (Corpus Youtube, 2018)²⁴

A amostra acima foi extraída de um vídeo de bastidores de uma festa natalina em que algumas blogueiras fizeram um amigo secreto. Logo no início, a anfitriã apresenta suas convidadas e, ao usar *real* associado ao sintagma adjetival, assevera uma qualidade, revelando, assim, sua opinião acerca de suas amigas. Nesse caso, *real* assevera a qualidade “maravilhosas” (impressão do falante). Acerca da prosódia, *real* e o sintagma adjetival colocam-se de maneira mais integrada, visto que não apresentam *break* entre si. Isso nos leva a crer que tais constituintes estão também cognitivamente mais unidos. Vejamos a seguir a tela do programa Praat:

Figura 7 – Representação da ocorrência 10 pelo *software* Praat.



Fonte: Barbosa (2020, p. 108).

Conforme observado na imagem acima, *real* e “meninas maravilhosas” colocam-se de maneira contínua e sem intervalo entre si. Nesse caso, *real* assevera o sintagma adjetival e orienta a atenção do falante para aquilo que é dito – “meninas maravilhosas” –, ou seja, o julgamento do falante acerca de suas amigas.

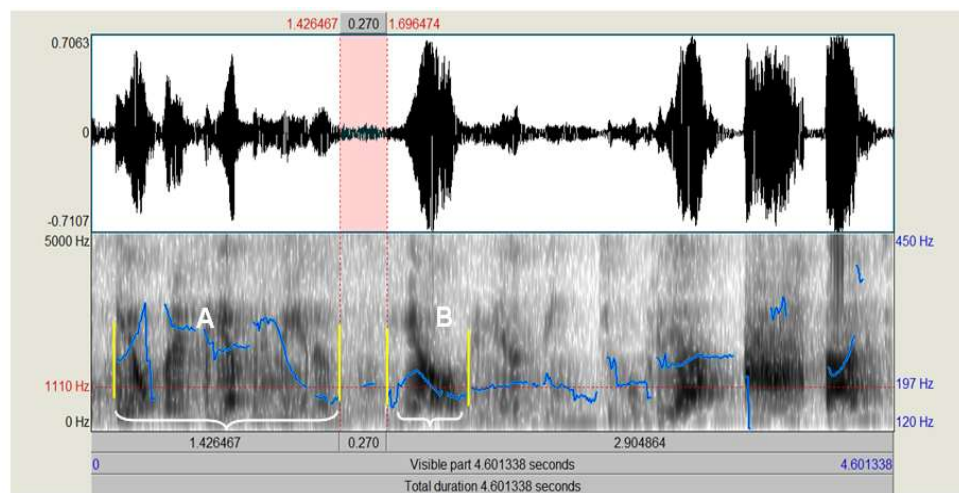
Já no subesquema 4, reunimos as microconstruções em que *real* e *real oficial* modalizam o conteúdo de toda a sentença. No *corpus* analisado, verificamos vinte e três ocorrências com *real* e apenas uma com *real oficial*. No que se refere à prosódia, nesses casos, há presença de *break* entre a sentença e *real* e *real oficial*. A seguir, apresentamos um excerto em que *real* focaliza e modaliza o conteúdo da sentença.

²⁴ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=h1XclpOFuhQ&t=972s%22>. Acesso em: 17 jan. 2019.

(11) Próxima: The Sinner. Mano, essa série é pesada, assim, de suspense, pra quem não gosta de suspense não assista, mas quem gosta, fica a dica. Ela já tá na segunda temporada, confesso que eu assisti a segunda agora. A primeira eu assisti há muito tempo atrás, assim que lançou, eu preferi a primeira, REAL. A primeira assim, tipo eu queria ah! (gestual abrindo a boca com as duas mãos), sabe? Tipo, puff (fazendo movimentos com o corpo), queria explodir de tanta emoção naquela série, porque ela é muito boa. É um suspense danado. Você fica, meu, ansioso, acaba um episódio, você já tá lá. Eu assisti em um dia. (Corpus Youtube, 2019)²⁵

A amostra acima foi retirada de um vídeo em que uma blogueira apresenta sugestões de filmes e séries, ou seja, nesse tipo de conteúdo, espera-se um posicionamento, uma crença e/ou uma opinião do falante acerca do assunto. É nesse contexto que o falante utiliza *real* para modalizar o conteúdo de sua fala. Desse modo, *real* direciona a atenção do interlocutor para a proposição, a opinião do falante, ou seja, sua preferência pela primeira temporada da série em questão. Acerca da prosódia, diferentemente dos demais subesquemas, a sentença e *real* apresentam *break* entre si. Vejamos a seguir a tela do Praat com a análise acústica desta ocorrência:

Figura 8 – Representação da ocorrência 11 pelo software Praat.



Fonte: Barbosa (2020, p. 113).

É possível averiguar na imagem acima, 0,27 segundos de intervalo entre a produção da sentença, sinalizado pela letra A, e a de *real*, indicado por B. Isso nos leva a inferir que sintática e cognitivamente, tais constituintes se colocam de maneira menos integrada.

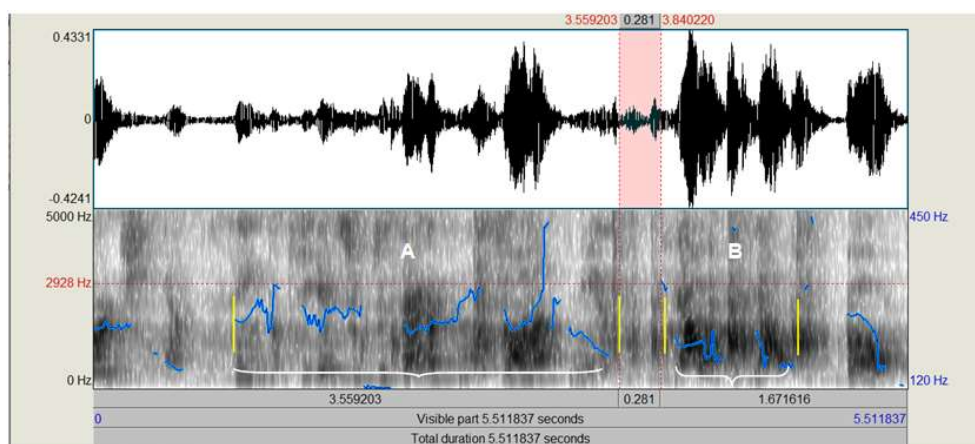
²⁵ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=4GMgrCcvm1A&t=3s>. Acesso em: 25 mai. 2019.

Já com *real oficial*, nesse contexto, encontramos uma ocorrência no *corpus* analisado. A seguir, demonstramos em um excerto como *real oficial* liga-se a uma sentença com fins de modalização epistêmica asseverativa.

(12) Ainda falando de Maybelline, chegou essa máscara de cílios linda que chama Lash Sensacional, tô com bastante vontade de testar. Eu acho que vai ser boa, porque eu adoro essas máscaras que tem essa, essa cerdinha mais curvadinha e gordinha. Sinto que esse tipo de cerda funciona mesmo, REAL OFICIAL. Bom, agora vamos falar de Kiss New York. (*Corpus Youtube*, 2017)²⁶

A amostra acima foi extraída da transcrição de um vídeo em que uma profissional de maquiagem apresentava para seu público produtos cosméticos que ganhara como presente da marca Maybelline. É muito comum, nesses tipos de vídeo, que a subjetividade e as impressões do falante tornem-se explícitas, visto que se espera uma opinião acerca dos produtos. No trecho em questão, o falante faz seus comentários acerca da máscara de cílios analisada. Nesse sentido, o falante, a fim de apresentar sua opinião, de forma asseverativa, utiliza *real oficial*, modalizando sua proposição. Nesse caso, *real oficial* direciona a atenção do interlocutor para o enunciado, a opinião do falante acerca da funcionalidade do produto. Além disso, nesse caso, *real oficial* apresenta ancoragem mais intersubjetiva. Quanto ao aspecto prosódico, a sentença e *real oficial* ordenam-se de modo menos integrado, atestado pelo *break* existente entre tais constituintes. Vejamos a análise acústica da ocorrência (12):

Figura 9 – Representação da ocorrência 12 pelo *software* Praat.



Fonte: Barbosa (2020, p. 119).

²⁶ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=QN97ZGraOgo&t=962s%22>. Acesso em: 19 nov. 2018.

Conforme demonstrado na figura acima, a porção em *A* refere-se à produção oral da sentença “sinto que esse tipo de cerda funciona mesmo”; já em *B* à de *real oficial*. Nesse sentido, é possível observar, entre as produções de *A* e *B*, um intervalo de tempo de 0,281 segundos. Essa pequena pausa mensurada pelo *break* oferece-nos indícios na identificação do escopo da modalização. Nesse caso, entendemos que a sentença “sinto que esse tipo de cerda funciona mesmo” é o foco da modalização realizada por *real oficial*.

Em suma, a partir do levantamento das ocorrências em uma amostra sincrônica, entendemos que *real* e *real oficial*, nos contextos analisados, atuam como modalizadores, revelando o posicionamento do falante com atitude modalizadora epistêmico-asseverativa. Além disso, a depender da intenção comunicativa, a modalização realizada por esses padrões construcionais incide sobre diferentes escopos. Sendo assim, a fim de identificar o elemento modalizado bem como suas funções, lançamos mão do *software* Praat, para a análise acústica da fala. Portanto, com base em todas as evidências apresentadas, é possível concluir que o falante utiliza essa construção com propósitos comunicativos específicos no que tange à modalização asseveração epistêmica.

Considerações finais

O presente trabalho teve como objetivo fundamental a investigação da instanciação e da convencionalização de construções modalizadoras epistêmico-asseverativas com *real* e *real oficial* a partir dos pressupostos assumidos pela Linguística Funcional Centrada no Uso. Nesse contexto, buscamos, pontualmente, descrever os pareamentos forma-função das construções a fim de identificar os três níveis de esquematicidade propostos por Traugott e Trousdale (2013) – esquema, subesquema e microconstrução – e de propor uma organização das construções em uma rede hierárquica.

Para tanto, partimos das seguintes hipóteses de pesquisa: (a) *real* e *real oficial* cumprem novos propósitos comunicativos na língua que diferem de seus usos convencionais como adjetivos e (b) as construções com *real* e *real oficial* constituem um pareamento forma-função na língua. Tais hipóteses, conforme demonstramos na seção dedicada à análise de dados, foram confirmadas.

Com base em todas as evidências apresentadas, procuramos demonstrar que (i) o falante utiliza essas construções com fins comunicativos específicos – a asseveração epistêmica evidenciada pelo esquema mais abrangente –; (ii) os subesquemas apresentam especificidades, principalmente no que tange à prosódia; e (iii) *real* e *real oficial* cumprem novas funções gramaticais nesses contextos. De forma mais abrangente, ainda apontamos que a função do esquema descrito revela o posicionamento ou a crença do falante, de modo asseverativo, por meio das noções de realidade, veracidade, autenticidade e legitimidade.

É nesse contexto que procuramos demonstrar que a instanciamento das construções modalizadoras com *real* e *real oficial* está presente na sincronia atual e pode ser percebida, principalmente, na oralidade, em contextos de fala menos monitorada. Entendemos, dessa maneira, que a pesquisa realizada mostra-se relevante para os estudos que têm como alvo de investigação o uso real da língua, bem como para aqueles que se desdobram acerca da modalização epistêmica do ponto de vista construcional.

Referências Bibliográficas

BARBOSA, L. S. **Construções modalizadoras epistêmicas asseverativas com “real” e “real oficial”**: Uma proposta de rede construcional a partir da Linguística Funcional Centrada no Uso. 2020. 131f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Faculdade de Letras, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2020.

BISPO, E. B.; SILVA, J. R. Variação linguística, mudança linguística e construcionalização. In: **XXI Seminário do Grupo de Estudos Discurso & Gramática e VIII Seminário Internacional do Grupo de Estudos Discurso & Gramática**. Rio de Janeiro: UFRJ, 2016.

BÖGELS, S. et al. Prosodic Breaks in Sentence Processing Investigated by Event-Related Potentials. **Language and Linguistics Compass**. Blackwell Publishing, p. 424– 440, 2011.

BYBEE, J. L. Mechanisms of change in grammaticalization: the role of frequency. In: JOSEPH, B. D.; JANDA, R. D. (eds.). **The handbook of Historical Linguistics**. Oxford: Blackwell, 2003, p. 602-623.

BYBEE, J. L. **Language, usage and cognition**. Cambridge: Cambridge University Press, 2010.

CROFT, W. **Radical construction grammar**: syntactic theory in typological perspective. New York: Oxford University Press, 2001.

CUNHA LACERDA, P. F. A. da. O papel do método misto na análise de processos de mudança em uma abordagem construcional: reflexões e propostas. **Revista Linguística / Revista do Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Rio de Janeiro**. Volume Especial, dez de 2016, p. 83-101.

FURTADO DA CUNHA, M. A.; BISPO, E. B.; SILVA, J. R. Linguística funcional centrada no uso: conceitos básicos e categorias analíticas. In: CEZÁRIO, M. M.; FURTADO DA CUNHA, M. A. (orgs.). **Linguística centrada no uso**: uma homenagem a Mário Martelotta. Rio de Janeiro: Mauad, 2013, p. 13-44.

GOLDBERG, A. E. **Constructions**: a construction grammar approach to argument structure. Chicago: University of Chicago Press, 1995.

GOLDBERG, A. E. **Constructions at work**: the nature of generalization in language. Oxford: Oxford University Press, 2006.

GOLDBERG, A. E. A constructionist approach to language. In: **Workshop em XXI Seminário do Grupo de Estudos Discurso & Gramática e VIII Seminário Internacional do Grupo de Estudos Discurso & Gramática**, 2016.

GONÇALVES, C. A. Foco e topicalização: delimitação e confronto de estruturas. **Revista de Estudos da Linguagem**, Belo Horizonte, v. 7, n.1, p. 31-50, jan./jun., 1998.

MARTELOTTA, Mário Eduardo. **Mudança linguística: uma abordagem baseada no uso**. São Paulo: Cortez, 2011.

NEVES, M.H.M. **Gramática de Usos do Português**. São Paulo: Editora UNESP, 2000.

NEVES, M.H.M. **Texto e Gramática**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2013.

PALMER, F. R. **Mood and Modality**. Cambridge: Cambridge University Press, 2001.

ROSÁRIO, I. da C. do.; OLIVEIRA, M. R. de. Funcionalismo e abordagem construcional da gramática. **Alfa**, São Paulo, 60 (2), p. 233-259, 2016.

TRAUGOTT, E. C.; TROUSDALE, G. **Constructionalization and Constructional Changes**. Oxford: Oxford University Press, 2013.

TRAVAGLIA, L. C. Relevância e desenvolvimento de tópico discursivo. **Cadernos de Estudos Linguísticos**, Campinas, SP, v. 48, n. 1, p. 53-70, 2006.

Sobre as autoras

Leila da Silva Barbosa

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-9211-3648>

Mestra em Linguística pelo Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal de Juiz de Fora e Bacharel em Letras-Tradução pela Faculdade de Letras da Universidade Federal de Juiz de Fora. Licenciada em Letras com habilitação em Português-Inglês e Respectivas Literaturas pelo atual Centro Universitário Teresa D'Ávila – UNIFATEA (2010). Possui experiência em ensino-aprendizagem de Língua Inglesa, em cursos de idiomas e ensino bilíngue.

Patrícia Fabiane Amaral da Cunha Lacerda

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-0970-224X>

Pós-doutora em Linguística pela Universidade Federal de Minas Gerais (2009), Doutora em Linguística pela Universidade Federal de Minas Gerais (2007), Mestre em Linguística pela Universidade Federal de Juiz de Fora (2003) e Graduada em Letras pela Universidade Federal de Juiz de Fora (2002). Professora da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Juiz de Fora, atuando no Departamento de Letras Estrangeiras Modernas e no Programa de Pós-graduação em Linguística. Pesquisadora do Grupo de Estudos Discurso & Gramática e coordenadora do NUPACT/UFJF - Núcleo de Pesquisa em Abordagem Construcional e Tradução.

Lauriê Ferreira Martins Dall'Orto

Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-8864-8626>

Doutora em Linguística pelo programa de Pós-Graduação da Universidade Federal de Juiz de Fora (2014-2018). Mestra em Linguística, também, pelo programa de Pós-Graduação da Universidade Federal de Juiz de Fora (2012-2013). Especialista em Ensino de Língua Portuguesa (2011-2012) e graduada em Letras, com habilitação em Língua Portuguesa e respectivas Literaturas (2007-2010) e em Língua Italiana e respectivas Literaturas (2011-2015), pela Faculdade de Letras da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). Atuou como bolsista em nível de Pós-Doutoramento, no contexto do Programa Nacional de Pós-Doutorado (PNPD) da CAPES/MEC, por meio do Programa de Pós-Graduação em Linguística da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Juiz de Fora (2018-2023).

Recebido em abr. 2025.

Aprovado em set. 2025.